

Inserido na perspectiva geral de reconstruir a argumentação da Fundamentação da Metafísica dos Costumes (de Immanuel Kant) e os conceitos nela empregues, o atual estágio de pesquisa focou-se na reconstrução da primeira seção dessa obra. Para estabelecê-la, buscou-se duas reconhecidas interpretações: a de Paton (*The Categorical Imperative*) e a de Wolff (*The Autonomy of Reason*). Ambos os intérpretes compreendem a boa vontade como uma *capacidade* e apresentam pelo menos duas considerações sobre o valor moral dessa capacidade: a primeira, que toma o valor moral da capacidade como condição do valor moral das suas volições, enquanto a segunda considera que o valor moral da capacidade é condicionado pelo valor moral das suas instâncias. Considerando que a boa vontade possui um valor moral que lhe é interno, parece ser o caso de que, na primeira consideração, todas as volições devem ser boas *porque* a capacidade é boa, enquanto que, na segunda, todas as volições devem ser boas *para que* a capacidade seja boa. Contudo, essas considerações parecem implicar uma virtual identificação do conceito de boa vontade com aquele de vontade santa. Aparentemente, uma vontade santa somente e necessariamente se instancia em volições boas: se é assim, pela primeira consideração, a boa vontade deve ser idêntica com a vontade santa, porque as volições de uma boa vontade *só* podem ser boas; já pela segunda, para que uma vontade seja boa, suas instâncias são *necessariamente* boas. Esses problemas podem ser evitados qualificando, para a primeira consideração, o que define uma vontade como santa, enquanto que, para a segunda, o que define uma vontade como boa. Contudo, apesar de impossibilitarem qualquer identificação com a vontade santa, essas qualificações geram novos problemas.